

O EXISTENCIALISTA CONCRETO GABRIEL MARCEL RESPONDE AO QUESTIONÁRIO DE MARCEL PROUST E EM BUSCA DO QUE ESTÁ ERRADO E POESIAS

THE CONCRETE EXISTENTIALIST GABRIEL MARCEL: RESPONSES TO MARCEL PROUST'S QUESTIONNAIRE, IN SEARCH OF WHAT IS WRONG, AND REFLECTIONS ON POETRY

Paulo Henrique Fernandes da Silva Ferreira Braga¹
Junio Pereira Santana²

Resumo:

Os textos traduzidos abordam a filosofia concreta do filósofo francês Gabriel Marcel, destacando a integração entre experiência estética, espiritualidade e existência. Em "Em Busca do que Está Errado", Marcel reflete sobre a música como chave de sua obra, influenciado por Bach e por questões do "além", enquanto critica a funcionalização moderna. No questionário, aborda virtudes como amor e esperança, rejeitando fanatismos e valorizando conexões humanas. "Poesia e Música" explora a interação entre essas artes, enfatizando a autenticidade estética. Já "Mozart, O Anjo Protetor" celebra a música como expressão sublime e transcendente, revelando a força espiritual que inspira e transforma. "O Horror da Ditadura" trata das questões morais e de desumanização provenientes da tecnocracia das ditaduras.

Palavras-chave: Filosofia Francesa, Philosophie Concrète, Filosofia Continental, Gabriel Marcel

Abstract:

The translated texts delve into the concrete philosophy of the French philosopher Gabriel Marcel, emphasizing the interplay between aesthetic experience, spirituality, and existence. In *"In Search of What is Wrong,"* Marcel reflects on music as the key to his work, influenced by Bach and questions of the "beyond," while critiquing the modern trend of functionalization. Through the questionnaire, Marcel explores virtues like love and hope, denouncing fanaticism and valuing human connections. *"Poetry and Music"* examines the relationship between these arts, underscoring aesthetic authenticity. Lastly, *"Mozart, The Guardian Angel"* celebrates music as a sublime and transcendent expression, revealing its spiritual power to inspire and transform. *"The Horror of Dictatorship"* addresses the moral issues and dehumanization stemming from the technocracy of dictatorships.

Keywords: French Philosophy, Philosophie Concrète, Continental Philosophy, Gabriel Marcel

¹ Pós-graduado em Filosofia pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul/SP (USCS), e MBA em História da Arte (USCS). Psicólogo, psicoterapeuta e professor. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9205509580094684>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3616-5758>

² Graduado em Secretariado e Assessoria Internacional pela Faculdade de Tecnologia de São Paulo (FATEC), com formação sanduíche pela Universidad De Córdoba - Espanha. Técnico em agrimensura. Orcid id: <https://orcid.org/0009-0004-1848-3968>

Introdução

Este texto é uma tradução de cinco pequenos ensaios do filósofo existencialista concreto Gabriel Marcel, um dos fundadores da *Philosophie Concrète*, corrente francesa de existencialismo concreto também desenvolvida por Philippe Fauré-Fremiet e Bernard Loitron. Trata-se de uma abordagem dramática e assistemática, influenciada pela filosofia de Henri Bergson e dedicada a temas como mente, memória e psicologia (BRAGA, 2024).

O primeiro ensaio, intitulado *"Em Busca do que Está Errado"*, reflete sobre a música como chave interpretativa da obra filosófica e dramática de Marcel, destacando a influência de Johann Sebastian Bach. A perda precoce de sua mãe intensificou suas questões sobre o "além", posicionando a música como catalisadora dessa busca. Marcel critica a funcionalização do mundo moderno, que reduz a existência à utilidade e gera um vazio, propondo que somente o encontro autêntico com o mistério do ser pode preenchê-lo. Ele convida à espiritualidade e à profundidade estética como caminhos para redescobrir sentido e transcendência, contrastando com a superficialidade do mundo utilitário (MARCEL, 1956).

O segundo ensaio apresenta um questionário respondido por Marcel, no qual ele reflete sobre felicidade, virtudes humanas e a essência da vida. Marcel exalta o amor, a bondade e a espiritualidade como pilares para enfrentar as angústias da existência, condenando o fanatismo e a desumanidade. Suas preferências artísticas e literárias, como Vermeer, Bach e Nietzsche, refletem uma busca por beleza, profundidade e transcendência. O texto também destaca um pensamento filosófico que valoriza a esperança, as conexões humanas e a autenticidade diante das adversidades. Curiosamente, Mário Ferreira dos Santos, outro autor ligado ao concreto, embora com enfoque distinto, respondeu a um questionário similar, elaborado por Pe. Stanislavs Ladusāns.

No terceiro texto, *"Poesia e Música"*, Marcel explora a interação entre essas artes e como elas se complementam. Ele relata sua transição da música para a poesia durante a adolescência, apesar das dificuldades impostas por um ensino formal pouco inspirador. Ao descobrir por conta própria poetas simbolistas, encontrou nova inspiração, revelando como as experiências de vida moldam nossa percepção artística. Marcel argumenta que poesia e música devem se integrar de forma indissociável, preservando a autenticidade de ambas. Ele critica traduções que distorcem a essência poética, destacando a arte como uma expressão universal e atemporal que transcende fronteiras linguísticas e culturais.

No quarto texto, *"Mozart, O Anjo Protetor"* aborda a relação de Marcel com o músico austríaco, vendo-o como um "anjo protetor" que transcende sua existência terrena. Para Marcel, a música de Mozart possui uma força emocional e espiritual capaz de consolar em momentos de vulnerabilidade e contrapor-se à frieza do mundo. Essa experiência o levou a criticar o abstracionismo. Marcel considera a música de Mozart mais do que uma forma de arte, reconhecendo nela a capacidade de tocar profundamente as almas e transformar quem a escuta. Essa perspectiva eleva a música ao sublime, expressão que conecta o humano ao transcendente e vai além da experiência comum (MARCEL, 1956).

Por fim, em "O Horror da Ditadura" reflete-se sobre os dilemas morais e sociais que surgem do confronto entre a dignidade individual e as abstrações impessoais de sistemas tecnocráticos e estatísticos. Denuncia-se como a visão mecanicista da sociedade reduz seres humanos a meras unidades de produção, ameaça a humanidade e a sacralidade do ser. Ele destaca que os números, na sua

abstração, obscurecem a essência do indivíduo e tornam o próximo uma massa anônima, contribuindo para o perigo de desumanização. A crítica à ditadura e a ascensão de sistemas tecnocráticos revela a insustentabilidade de um mundo onde a eficiência supera a ética e o valor humano, pavimentando o caminho para práticas como a eugenia e a exclusão. Marcel enfatiza que a dignidade humana, muitas vezes banalizada, é uma característica essencial ligada à condição mortal e ao enfrentamento de provações, e que a fraternidade, não a igualdade, é a virtude que realmente enriquece as relações humanas. Para ele, reconhecer a superioridade do outro e colocar o outro no centro, em vez de si mesmo, é o verdadeiro caminho para uma sociedade justa e solidária.

Texto 1: Em Busca do que Está Errado

Muitas vezes, perguntei-me se, de certa forma, não é quase somente a música que pode oferecer a chave — ou talvez seja, de fato, a chave — de toda a minha obra, filosófica e dramática.

Ao refletir sobre por que, sendo criado fora de qualquer religião, em uma família agnóstica, inclinei-me ao cristianismo desde a adolescência, embora não pudesse, com toda sinceridade, declarar-me um cristão, sou tentado a pensar que o papel da música foi essencial. E, sobretudo, penso quase exclusivamente em Johann Sebastian Bach.

Ao ouvir ou ler as Paixões e as Cantatas, tive uma certeza inabalável de que o que me foi revelado por meio delas apresentava uma realidade além de qualquer possível debate. Mas você poderia perguntar, com razão: essa realidade não era simplesmente a de uma alma profundamente crente? Preciso responder, utilizando uma noção que, mais tarde, me pareceu fundamental: o que me foi transmitido foi um testemunho, uma atestação. No entanto, não pode haver testemunho ou atestação sem referência à realidade que se atesta.

Deve-se acrescentar — sem dúvida, ainda mais significativamente — que o fato de toda a minha infância ter sido obscurecida pela morte prematura de minha mãe, levada em dois dias por uma doença devastadora quando eu tinha quase quatro anos, contribuiu, posso afirmar com total certeza, para conferir-me uma prioridade vivida na questão do além.

O abuso da funcionalização é uma das características mais marcantes do mundo em que vivemos. O funcionalismo, esse câncer burocrático, é apenas um aspecto particularmente evidente desse flagelo. “A vida em um mundo centrado na ideia de função”, escrevi em 1933, no ensaio intitulado *Posição e Abordagens Concretas do Mistério Ontológico*, “está exposta ao desespero. Conduz ao desespero. Na realidade, esse mundo é vazio, soa oco. Se resiste ao desespero, é apenas até certo ponto, já que certas forças secretas, que não pode conceber ou reconhecer, atuam nesta existência e a favorecem.”

Nessas condições, o papel de uma filosofia concreta consistirá não apenas em identificar, dentro de nós, essa necessidade de ser, que o mundo, em sua evolução atual, tende cada vez mais a desiludir, mas também em capturar vestígios, em detectar aproximações, na parte mais íntima da vida de cada um de nós. Assim, para dar um exemplo entre muitos outros, fui conduzido, nesta meditação e nas obras subsequentes, a enfatizar a importância decisiva do encontro na vida espiritual.

Sem dúvida, estamos aqui no cerne de todo o meu trabalho. No entanto, não é difícil perceber que a noção de encontro, de intersubjetividade, não pode ser

suficiente em si mesma; implica uma referência, que só pode ser metafísica, a um núcleo misterioso do ser e da realidade, onde não podemos nos estabelecer de uma vez por todas, mas para o qual devemos progredir incessantemente. Nesse sentido, o homem é, essencialmente, um ser em viagem. Daí o título de um dos meus livros, *Homo Viator*. Seria contrário à razão querer imobilizar o homem em um estado específico ou mesmo reduzi-lo a uma modalidade particular de si mesmo.

*Este texto de Gabriel Marcel, inédito em francês, faz parte de uma obra coletiva publicada em 1955, em alemão, sob o título *Wegweiser in der Zeitwende*.*

Texto 2: Gabriel Marcel responde ao questionário de Proust

Em 1965, na revista *Livres de France*, nº7, Gabriel Marcel respondeu a um questionário de Marcel Proust.

Qual é, para você, o cúmulo da miséria?

R: Solidão sem recurso na miséria.

Onde você gostaria de viver?

R: Num país onde a miséria não existiria, mas onde o conforto generalizado não sufocaria a ansiedade espiritual.

Seu ideal de felicidade terrena?

R: Descobrir na companhia dos que amo as riquezas inesgotáveis do mundo criado.

Por quais defeitos você tem mais indulgência?

R: Aqueles que são atribuídos apenas à fraqueza e não envolvem desprezo pelos homens e crueldade.

Quem são seus heróis de romance favoritos?

R: É difícil responder. Alguns personagens de George Eliot e Hardy, Dostoievsky e Chekhov.

Suas heroínas favoritas na vida real?

R: As mulheres que souberam combinar um grande coração e uma lucidez perfeita.

Suas heroínas na ficção?

R: Talvez Madame Arnoux em *L'Éducation Sentimentale*. Possivelmente também Dorothy em *Middlemarch*.

Seu pintor favorito?

R: Certamente Vermeer, mas também Rembrandt, Velázquez e alguns grandes franceses, Watteau, Corot, talvez Manet.

Seu músico favorito?

R: Bach, Beethoven e o Mozart de obras posteriores. Mas também os românticos: Schubert, Schumann, Brahms e, claro, Mussorgsky; e Debussy e principalmente Fauré que ainda não foi colocado em seu lugar.

Sua qualidade favorita em um homem?

R: Bondade em primeiro lugar, mas também retidão e generosidade.

Sua qualidade favorita em mulheres?

R: Sinceridade quando se une à gentileza e delicadeza.

Sua ocupação favorita?

R: Escrever, mas com a condição de me sentir levado por uma necessidade interior. E ouvir música.

Meu traço de personagem principal?

R: É para os outros me ensinarem.

Minha culpa principal?

R: Provavelmente impaciência e o que se chama vagamente de nervosismo.

Meu sonho de felicidade?

R: Eu já respondi.

Qual seria meu maior infortúnio?

R: Perder aqueles que amo.

O que eu quero ser?

R: Compositor de música e inteiramente dedicado a esta arte.

A flor que eu gosto?

R: A Rosa.

Meu pássaro favorito?

R: O melro ou o rouxinol, por causa do seu canto.

Meus escritores de prosa favoritos?

R: É uma preferência de estilo? Neste caso, direi Nietzsche, Valéry. Pascal também, é claro.

Meus poetas favoritos?

R: Os grandes letristas ingleses, Baudelaire, mas também Claudel e Rilke.

Meus heróis na vida real?

R: Aqueles que lutaram pela justiça, sem nunca se tornarem fanáticos. Um Jean Moulin me parece corresponder razoavelmente bem a essa definição.

O que eu mais odeio?

R: Reivindicar em todas as suas formas.

Personagens históricos que eu mais desprezo?

R: Os fanáticos e os trapaceiros.

O fato militar que mais admiro?

R: A história militar nunca me interessou.

O dom da natureza que eu gostaria de ter?

R: Um frescor que resistiria ao desgaste da vida.

Como eu gostaria de morrer?

R: Com a consciência ainda desperta o suficiente para agradecer a Deus e a todos os seres que me amaram e me realizaram.

Estado atual da minha mente?

R: Ansiedade diante do mundo que se desenha diante dos meus olhos e o declínio de toda a civilização.

Meu lema?

R: Esperança em Ti para todos nós.

Texto 3: Poesia e Música

Acontece que, em determinado momento da minha vida e nas condições que tentarei especificar, fui levado a compor um número bastante grande de melodias sobre poemas muito variados, desde Du Bellay e Chénier até Valéry, Supervielle e Patrice de La Tour du Pin, alguns deles extraídos da literatura alemã (Hölderlin, Rilke, Hofmannsthal). Dessa forma, pude vivenciar diretamente a relação entre poesia e música. Mas acredito que não seja inútil retroceder no tempo e apresentar as seguintes observações.

Posso afirmar que, desde a infância, a música teve um papel imenso na minha vida, ao contrário da poesia, que só ganhou relevância durante a adolescência. Tudo parecia ocorrer como se a música ocupasse todo o meu espaço interior, sem deixar lugar para a poesia. Ou, de maneira mais precisa e profunda, eu diria que a poesia apenas atuava no que chamo de "as regiões educadas do meu ser" (*les régions scolarisées de mon être*). Como estudante do ensino médio, é claro, aprendi poemas de cor e analisei tragédias clássicas.

Contudo, com a perspectiva que tenho hoje, parece-me significativo que, ao deixar a escola para trás — e com um alívio indescritível! —, quando passei a ter meu próprio dinheiro para comprar livros, procurei os poetas. Mais precisamente, procurei certos poetas: aqueles que, aos meus olhos, preservaram sua virgindade, pois não haviam sido "violados" pelos meus professores. Refiro-me aos simbolistas. Não seria exagero dizer que, para mim, naquela época, a poesia começava com o simbolismo. Hoje isso me parece completamente absurdo, mas atesta o impacto prejudicial que o ensino de literatura francesa no ensino médio pode ter tido em uma mente como a minha.

Devo acrescentar que a leitura dos simbolistas, a princípio, decepcionou-me consideravelmente, reforçando a ideia que eu tinha da superioridade imensa da música. Naquele momento, senti que a poesia tentava, sem sucesso, competir com a música utilizando meios muito imperfeitos. Pouco a pouco, no entanto, revisei esses julgamentos precipitados. Lembro-me de que, pouco depois dos vinte anos, comecei a pensar em musicar poemas, especialmente de Baudelaire, como *Moesta et Errabunda*.

Infelizmente, esse desejo não pôde ser concretizado na época. Minha cultura musical, embora real em alguns aspectos, não incluía conhecimentos de harmonia, e muito menos de teoria contrapontística. Em determinado momento, tentaram me ensinar harmonia, mas revoltei-me ao perceber que as regras apresentadas eram frequentemente desrespeitadas pelos grandes músicos que eu admirava. Sentia —

com razão ou não — que possuía um dom inato para harmonia, que não seria desenvolvido por meio de um ensino que eu considerava escolástico.

Meu casamento, em 1919, teve um impacto profundo nesse aspecto, assim como em muitos outros, tanto no meu trabalho quanto na minha experiência musical. Minha esposa, uma das melhores alunas de Vincent d'Indy, era professora de harmonia na Schola Cantorum. Posso dizer que nos casamos sob o signo da música. Ela tinha, além de um senso musical profundo e delicado, um conhecimento técnico que me faltava. Por outro lado, ela se considerava desprovida de imaginação criativa. Nessas condições, desenvolvemos uma cooperação preciosa, pois eu sentia em mim uma fonte musical inesgotável que se manifestava por meio da improvisação. Essa colaboração criativa é singular, quase incompreensível, considerando que já havíamos tocado juntos, a quatro mãos, quase tudo o que existia.

A circunstância que desencadeou essa atividade foi um pouco fortuita. Durante uma visita a amigos muito musicais, perto de Saint-Étienne³, improvisei na frente deles, algo que antes só fazia na solidão. Eles ficaram profundamente impressionados e pediram à minha esposa que transcrevesse as improvisações. Isso ocorreu no início do verão de 1945. Passamos os dois meses seguintes em nossa casa em Corrèze, e minha esposa anotou tudo o que eu tocava. Logo me ocorreu a ideia de musicar alguns dos meus poemas preferidos, algo que já havia pensado em fazer há mais de vinte anos. Minha primeira escolha foi Baudelaire: *Moesta et Errabunda*, *La Cloche Fêlée*, *Brumes et Pluies*. Em seguida, vieram outras melodias, cerca de trinta ao todo, sendo as mais desenvolvidas *Le Lac* e *Cimetière Marin*.

Aqui chego ao ponto essencial, mas também ao mais difícil de expressar. O que desejo transmitir é, acima de tudo, o seguinte: o poema se apresentou — devo dizer à minha mente ou à minha imaginação? Essas palavras são inadequadas — certamente não como um pretexto, mas como algo que exigia realização, quase cumprimento. Costumo dizer que esse verbo deveria ser grafado de duas formas diferentes para captar seu significado completo. Não havia, de forma alguma, a ideia de o poema ser sobreposto ou dominado pela música.

Lembro-me de meu espanto, e até de minha indignação, quando um renomado pianista me perguntou por que eu sempre escolhia poemas tão bonitos, acrescentando que ela nunca prestava atenção às letras. Para ela, melodia e texto não significavam nada.

Se tento traduzir a experiência extraordinária que vivi, diria que se tratava de reconstituir uma unidade injustamente rompida entre poesia e música. Desde então, permaneço absolutamente convencido de que todo poema deve ser cantado, que a verdadeira essência da poesia está na unidade indivisível do *carmen*. Não me surpreende, por exemplo, saber que os poemas de Tagore eram cantados em sua língua original, o bengali. E como não lembrar os bardos gregos?

Ainda que essa afirmação pareça absoluta demais, é impossível ignorar que o texto poético só pode ser um suporte para a música se sua autenticidade verbal for respeitada. É inconcebível, por exemplo, que Schubert ou Schumann tenham sido cantados em francês até recentemente em nosso país. Isso demonstra uma incompreensão radical da essência da canção. Não aceitaria, do mesmo modo, que um texto de Baudelaire ou Verlaine musicado por Fauré ou Debussy fosse

³ Jeanne Parain-Vial e sua mãe.

traduzido para outro idioma. O mesmo vale para o teatro lírico, especialmente Wagner.

Lembro-me da revelação que foi ouvir Tristão e Isolda ou A Tetralogia no texto original em alemão, após ter conhecido essas obras em tradução francesa.

Para mim, é uma verdade incontestável que imaginar que a tradução de um poema pode substituir o original equivale a não compreender a essência de um poema. Essa essência não se limita a um conteúdo intelectual ou emocional. Reduzir o poema a isso é desincarná-lo, o que, em última análise, é destruí-lo.

Texto 4: Mozart, O Anjo Protetor

Há alguns meses, estava em um jantar na casa de um amigo, na companhia de um estudioso que me foi apresentado como um músico talentoso. Jamais esquecerei a indignação que me tomou ao ouvir esse naturalista não apenas afirmar que Mozart lhe era completamente desconhecido, mas também se esforçar para desmerecê-lo com uma espécie de raiva insensata. Mozart é um daqueles raros artistas que não podem ser atacados sem que isso se configure como um sacrilégio.

No meu caso, ele foi o primeiro por quem senti aquela espécie de ternura reverente que se pode nutrir por um anjo protetor. Parece-me que essas palavras traduzem com bastante fidelidade o que eu experimentava aos cinco ou seis anos — minhas memórias nesse aspecto são muito precisas — quando me deleitava com as sonatas para piano. Lembro-me também de pedir permissão para manter perto de mim a partitura de *Don Giovanni*, que se tornou um talismã. Um talismã contra o quê? Certamente, é difícil especificar. No entanto, já naquela época, eu conhecia a angústia, o pânico de quem se sente perdido em um mundo que não oferece outra salvação além do afeto dos que estão próximos: a morte de minha mãe havia me deixado excepcionalmente vulnerável. Não creio estar errado ao dizer que Mozart me protegeu contra uma certa frieza inóspita do mundo, que a criança sente ainda mais dolorosamente do que o adulto.

Houve também um período em minha vida em que Mozart se afastou de mim. Foi durante o período romântico, quando Schumann, depois Wagner e certos wagnerianos exerceram sobre mim seu poder de fascinação. Se retornei a Mozart, talvez tenha sido por um desvio, pela reflexão benéfica de Fauré, que viria a se estabelecer no âmago do meu fervor, e, posteriormente, por Debussy, que me tornou cada vez mais sensível e amoroso à linha musical, a esse traço que só pode ser acariciado pelo que, provavelmente, poderíamos chamar de nosso olhar auditivo.

Enquanto escrevo, ouço os primeiros compassos do Quinteto com Clarinete reverberando dentro de mim, algo que se assemelha às mais nobres e delicadas criações de um Giorgione. Aqui brilha a "luz" de Mozart, mencionada por um crítico. Por que, em um momento em que a humanidade alcançou tal estágio, todos nós, de todas as nações, sentimos uma inclinação tão forte em direção a essa luz?

Mais uma vez, com uma insistência que me surpreende, as palavras "anjo protetor" vêm à mente. E, de fato, não consigo pensar em nenhum outro músico a quem essas palavras se apliquem com tamanha precisão. Elas permitem definir a dimensão pela qual Mozart pode ser considerado cristão. Sem dúvida, trata-se de um cristianismo inspirado em São Francisco de Sales e, talvez, em Fénelon, repleto de bálsamos de ternura e consolação.

Contudo, aqui como sempre, a verdade é menos simples do que tendemos a acreditar quando tentamos expressá-la. Esse anjo desceu entre os homens,

experimentou a sedução do efêmero, talvez até do que é mortal; viu o abismo se abrir sob seus pés e, então, ascendeu aos céus, de onde teve que se exilar para conhecer a compaixão. Ele se uniu às moradas inalteráveis, de onde as ondas espumantes de sua alegria caem infalivelmente sobre nós.

(Artigo publicado no La Croix, em 31 de janeiro de 1956, por ocasião do bicentenário de Mozart)

Texto 5: O Horror da Ditadura

Caminhos e encruzilhadas

Meu pai era de origem católica, minha mãe, de origem judaica, e, por outro lado, casei-me com uma protestante. Ao mesmo tempo, tive grande simpatia pelos ortodoxos. Sim, sempre fui um “homem da encruzilhada” e, do ponto de vista religioso, um “homem da soleira”: alguém que entrou o suficiente para voltar-se às pessoas que procuram e dizer-lhes: “Olha, aí está, eu também olhei e talvez possa ajudá-lo a enxergar mais longe.”

Hoje posso dizer que minha preocupação constante é ajudar as pessoas. Tenho a sensação muito clara de que viver tanto tempo, na minha idade avançada, deve ser justificado, inclusive para nós mesmos.

Não suporto pessoas sem generosidade. Para mim, a generosidade é fundamental e se relaciona ao meu culto à admiração, pois admirar é uma forma de ser generoso.

Lembro-me de uma entrevista com Stève Passeur que me chocou. Ele disse: “Ah! Detesto ter que admirar algo, sinto que isso me diminui.” Sempre senti o oposto; enriquecer-se por meio da admiração é essencial.

O número como ídolo

Nos últimos anos, minha desconfiança em qualquer abordagem estatística sobre os homens só aumentou. Não hesito em afirmar: os números correm o risco de se tornarem um monstro, um ídolo que ameaça tudo o que considero humano.

Por volta de 1947, tive um pequeno diálogo com o Padre Teilhard de Chardin. Falava-se muito na época sobre campos de concentração na Europa Central. Ainda ouço o Padre Teilhard dizer: “Mas, afinal, as democracias populares talvez estejam alinhadas com a direção da história.” Ao que respondi: “E o que o senhor faz com os milhares de deportados nos campos?”

Com um gesto inesquecível, ele replicou: “O que são milhares de homens aos olhos de...?”

Refleti, então, que o Padre Teilhard, considerado um homem santo, teria agido como o Bom Samaritano se encontrasse alguém ferido no caminho. Por quê? Porque ele veria o próximo. Mas, ao dizer “milhares de homens”, ele não enxergava mais nada. Os números cegam. No concreto, que para mim é o que importa, quando falamos em grandes números, nada mais se vê.

No mundo material, ainda podemos raciocinar, mas uma pessoa não pode ser reduzida a um milhão; isso é vazio de significado. “O próximo” vira “a massa”, e esta é uma expressão degradada do ser humano. Isso é um perigo imenso.

Eu odeio a ditadura

Eu odeio ditadura. O que me assusta é que o sistema parlamentar, que não me entusiasma, mas parece o menos pior, corre o risco de não sobreviver em sociedades tão controladas pela tecnologia como as nossas. O perigo no futuro pode ser o poder nas mãos de tecnocratas.

Um tecnocrata é alguém que vê os homens sob a lente técnica, onde a ordem de eficiência é essencial. Cada indivíduo é tratado como uma unidade de produção, algo intolerável.

A lógica tecnocrática conduz a monstruosidades: a supressão dos incuráveis, a eugenia em suas diversas formas, a manipulação genética. Sob essa perspectiva, os crematórios nazistas são um sombrio aviso sobre as consequências possíveis de uma visão tecnocrática do mundo. Parece lógico, nessas categorias, proclamar que, a partir do momento em que os homens não geram trabalho proporcional ao custo de sua manutenção, só resta a exclusão. As formas podem variar em intensidade, mas o princípio seria o mesmo.

Um dos maiores crimes que um homem pode cometer é humilhar outro.

Hoje mal ousamos falar de “dignidade humana”, termos desgastados pelo uso indiscriminado. Pense nos campos de concentração nazistas: é um crime tratar o homem como objeto. A dignidade surge quando percebemos o quanto isso é monstruoso. Reconheço uma sacralidade no outro, mas não creio que ela seja definível racionalmente. Para mim, o caráter sagrado do ser humano está ligado à sua condição mortal: o fato de ser chamado a viver e morrer, enfrentando provações, dá sentido à sua dignidade.

Ausência de fraternidade

Hoje, lamento a falta de fraternidade. A Revolução Francesa confundiu tudo ao misturar igualdade e fraternidade. Não só não são compatíveis, como seguem direções opostas. O igualitarismo me parece detestável. Nietzsche pensava assim. Para mim, igualdade é egocêntrica: “Eu sou seu igual.”

A fraternidade, ao contrário, diz: “Você é meu irmão.” Como, então, eu não poderia me alegrar com sua superioridade? Na fraternidade, o centro não sou eu, mas você.

Le Figaro Littéraire, 28 de outubro de 1972.

Comentários coletados por Frédéric de Towarnicki.

* * * *

BRAGA, P.H.F.S.F.; Recensão, Elvis Amsterdã, Vida e Obra de Mário Ferreira dos Santos: Uma Introdução. (Editora Danúbio, 2023) ISBN: 978-65-88248-31-7 100 pp. Coimbra: Revista Filosófica de Coimbra, 2024.

MARCEL, Gabriel. Articles et textes divers. Présence de Gabriel Marcel, Paris, 1956. Disponível em: < <https://www.gabriel-marcel.com/articles-textes.php>>. Acesso em: 2 de dezembro de 2024.

Recebido em: 12/2024
Aprovado em: 06/2025